

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

Max Evangelista da Silva

Erudição e Biblioteconomia:

A ideia de erudição anterior ao século XIX e os bibliotecários eruditos de hoje.

Rio de Janeiro

2017

Max Evangelista

Erudição e Biblioteconomia:

A ideia de erudição anterior ao século XIX e os bibliotecários eruditos de hoje

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, pela Escola de
Biblioteconomia da Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Saldanha

Rio de Janeiro

2017

S586 SILVA, Max Evangelista da
Erudição e Biblioteconomia: a ideia de erudição anterior ao século
XIX e os bibliotecários eruditos de hoje. / Max Evangelista da Silva. –
2017.
57 p.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha
Trabalho de conclusão de curso – Graduação. Escola
de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016

1. Biblioteconomia. 2. Erudição. 3. Bibliotecário. 4. Ensino
Biblioteconômico. I. Silva, Max Evangelista da. II. Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Biblioteconomia.

III. Título

Max Evangelista da Silva

Erudição e Biblioteconomia:

A ideia de erudição anterior ao século XIX e os bibliotecários eruditos de hoje

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, pela Escola de
Biblioteconomia da Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Lidiane dos Santos Carvalho

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Júnior

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Agradeço a Deus, primeiramente pelo dom da vida, e por mais essa etapa cumprida.

Aos meus pais, irmão e avós, que me apóiam em todas as etapas da vida.

Ao meu orientador, Gustavo Saldanha, por toda ajuda, paciência e dedicação que teve ao longo da construção do trabalho.

Aos meus amigos que me acompanharam e ajudaram durante a faculdade.

Agradeço em especial a Jaqueline Lima, pela grande ajuda que me deu durante a realização deste trabalho.

Ao povo brasileiro, que através de trabalho e esforço tornou possível minha formação e a de tantos outros universitários.

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de estudo a relação entre erudição e Biblioteconomia, analisando-a através de um estudo sobre bibliotecários contemporâneos que apresentam características existentes na noção clássica de erudição. O objetivo foi discutir a visão contemporânea de bibliotecários sobre a erudição, como um conceito e como uma formação. O estudo se justifica devido à própria história da Biblioteconomia no país, em que os primeiros cursos priorizavam os conhecimentos humanistas e os primeiros bibliotecários tinham de possuir saberes de cunho erudito. O referencial teórico abrange o conceito clássico de erudição, aspectos de sua relação com a Biblioteconomia e a erudição a partir do desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia no país. Realizou-se um estudo de caso com abordagem de pesquisa qualitativa, e coleta de dados baseada em entrevista. As entrevistas procuraram identificar aspectos da formação destes bibliotecários, e suas opiniões sobre o relacionamento entre conhecimentos humanistas e Biblioteconomia. Como resultados, identificaram-se indicadores de erudição nos entrevistados, como o domínio de disciplinas relativas às Humanidades e o interesse por mais de uma área do conhecimento.

Palavras-chave: Biblioteconomia, Erudição, Bibliotecário, Ensino Biblioteconômico, Educação em Biblioteconomia,

Abstract

The present work has as its study object the relationship between erudition and librarianship. This relationship is analyzed through a study of contemporary librarians who present characteristics existing in the classical notion of erudition. The objective was to discuss the contemporary view of librarians on scholarship, as a concept and as a formation. The study is justified due to the very history of Librarianship in the country, where the first courses prioritized humanistic knowledge and the first librarians had to possess knowledge of an erudite nature. The theoretical reference covers the classical concept of erudition, aspects of its relationship with Librarianship and scholarship from the development of the teaching of Librarianship in the country. A case study with a qualitative research approach and interview-based data collection was conducted. The interviews sought to identify aspects of the training of these librarians, and their opinions on the relationship between humanistic knowledge and Librarianship. As results, indicators of erudition were identified in the interviewees, such as the domain of humanistic disciplines, interest in more than one area of knowledge and mastery of two or more languages.

Keywords: Librarianship, Erudition, Librarian, Library Teaching, Education in Librarianship

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2 Objetivo	9
1.2.1 Objetivo geral	9
1.2.2 Objetivos específicos.....	9
1.3 Justificativa	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 A noção de erudição: a caminho de aspectos eruditos na Modernidade	13
2.2 A noção de erudição após o século XIX: aproximações aos elementos contemporâneos de definição do sujeito erudito	17
2.3 Erudição e Biblioteconomia: relações históricas, educacionais e profissionais	19
2.3.1 A erudição a partir do desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia no Brasil	20
2.3.2 A erudição sob a noção de humanismo: conhecimentos humanistas e o exercer da profissão de bibliotecário	21
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
4 RESULTADOS	28
4.1 Análise	28
4.1.1 Questão 1	28
4.1.2 Questão 2.....	29
4.1.3 Questão 3.....	30
4.1.4 Questão 4.....	30
4.1.5 Questão 5.....	31
4.1.6 Questão 6.....	32
4.2 Discussão	33
4.2.1 Questão 1.....	33

4.2.2 Questão 2.....	33
4.2.3 Questão 3.....	34
4.2.4 Questão 4.....	34
4.2.5 Questão 5.....	34
4.2.6 Questão 6.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados aplicado	42
APÊNDICE B – Primeira Coleta de dados	43
APÊNDICE C – Segunda coleta de dados.....	45
APÊNDICE D – Terceira coleta de dados	47
APÊNDICE E – Quarta coleta de dados	49
APÊNDICE F – Quinta coleta de dados	52
APÊNDICE G - Sexta coleta de dados.....	54
APÊNDICE H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	56

1 INTRODUÇÃO

A erudição sempre esteve presente na história dos livros e das bibliotecas, seja tomando-se a biblioteca como palco de formação de eruditos, ou mesmo através do trabalho dos próprios eruditos como bibliotecários. Desde os primórdios da história das bibliotecas, “os primeiros bibliotecários eram homens eruditos, que fundaram bibliotecas – como a famosa biblioteca de Alexandria – na Foz do Rio Nilo, no Egito. Eles se preocupavam em reunir e classificar todo o conhecimento em forma documental” (RUSSO, 2010, p.37). Na Idade Média essa imagem foi perpetuada, bibliotecários como guardiães do saber.

No entanto, a erudição, que, de um modo geral, é caracterizada principalmente pela amplitude e profundidade, torna-se cada vez mais difícil de alcançar atualmente, devido à especialização das disciplinas, processo iniciado no século XIX, e à enorme quantidade de livros e artigos produzidos em cada área da ciência, desde o século XV, após a prensa tipográfica de Gutemberg (BURKE, 2002).

Destaca-se que, no âmbito da Biblioteconomia, a imagem do bibliotecário erudito também foi se transformando, junto das mutações curriculares, com o passar dos anos, “este bibliotecário – erudito e bibliófilo – dominou a profissão até o início do século XIX, quando começaram a se desenvolver as tendências democráticas, com a valorização das práticas igualitárias”. (RUSSO, 2010, p. 37).

Não obstante a essa dificuldade, é conhecida a existência de indivíduos que, principalmente devido a uma inclinação pessoal, dedicam-se ao estudo profundo de um determinado campo do saber e, ao mesmo tempo, adquirem um conhecimento profundo em áreas correlatas, principalmente em matérias de cunho humanista, isto é, em disciplinas relativas às chamadas Humanidades.

Portanto, voltando-se para o campo biblioteconômico, o presente estudo buscou encontrar bibliotecários que se aproximassem do conceito histórico de erudição, para investigar aspectos de seus conhecimentos que fizessem contato com a Biblioteconomia.

1.1 Problema de pesquisa

Como se constitui atualmente o discurso sobre a erudição e formação de eruditos na Biblioteconomia?

Diante dessa questão, os seguintes objetivos foram propostos.

1.2 Objetivo

Os objetivos deste trabalho estão ligados à obtenção de dados sobre bibliotecários contemporâneos que apresentam características referentes ao conceito histórico de erudição.

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral é discutir a visão contemporânea de bibliotecários sobre a erudição, como um conceito e como uma formação.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar bibliotecários com características presentes na definição histórica de erudição.
- Conferir como ocorreu a formação e quais são os conhecimentos específicos destes bibliotecários.
- Descobrir o que estes bibliotecários pensam sobre a relação entre os conhecimentos humanistas e a prática bibliotecária.

1.3 Justificativa

Primeiramente, pelo desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil, é interessante realizar um estudo com bibliotecários que apresentem algumas características eruditas, visto que o curso de Biblioteconomia da BN, o primeiro do país, e o que deu origem ao atual curso da UNIRIO, seguia o modelo francês da *École de Chartes*, que dava ênfase ao “currículo humanista”, formando profissionais de cunho erudito, como podemos ver com Castro (2000, p.4):

A forma de admissão do primeiro curso foi por exame que se compunha de prova escrita de português e provas orais de geografia, literatura, história universal e de línguas: francês, inglês e latim. Em síntese, era pré-requisito para ser bibliotecário possuir cultura geral. Contudo, naquela ocasião, estavam dispensados os candidatos admitidos anteriormente em escolas superiores ou aqueles aprovados para a carreira de bibliotecário.

Segundo Ramiz Galvão, em relatório apresentado ao Império, na época em que era diretor da BN: “bibliotecário deve ter ‘algum conhecimento das línguas grega e latina, perfeito conhecimento do francês e do inglês, de história e de literatura geral – e tudo isto sem excluir a ciência bibliográfica propriamente dita’ [...]” (FONSECA, 2007, p.106). Ainda segundo Galvão, como nos relata Fonseca (2007, p. 106):

Para a nomeação de ‘empregados superiores de biblioteca’ devia ‘exigir-se dos candidatos um diploma acadêmico, como o de bacharel em letras ou em ciências, e o concurso prévio onde se haja de decidir quem tem mais habilitações para bem servir’.

Como exemplo, pode-se citar o próprio Ramiz Galvão, que, como conta Fonseca (2007, p.106), antes de ser nomeado diretor da BN:

Já havia conquistado o grau de doutor pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro [...]. Também já publicara um ensaio sobre a oratória sagrada no Brasil e um relatório sobre *As artes graphics na exposição de Vienna d’Austria em 1863*.

Caldeira (2000, p. 1) nos diz que Galvão “ocupou alguns dos principais espaços almejados por intelectuais de seu tempo: foi nomeado diretor da Biblioteca Imperial, fez parte do IHGB, além da Academia Brasileira de Letras e do Colégio Pedro 11.” Depois de tirar uma licença por motivos de saúde foi nomeado preceptor dos netos do Imperador, de acordo com Caldeira (2000, p. 7), o que corrobora seu notório saber e alta consideração.

Além de Ramiz Gavão, outro nome a ser citado é Capistrano de Abreu, historiador erudito que foi aprovado no primeiro concurso para bibliotecário realizado pela BN, em 1879. Segundo Caldeira (2000, p. 5):

[...] era erudito, com uma ampla cultura geral, que incluía o conhecimento da história, literatura e línguas pátrias, mas também portador de um conhecimento técnico, pois saberia manejar e classificar os documentos da instituição.

Capistrano foi aprovado junto com um segundo candidato, mas apenas ele foi classificado e suas provas impressionaram o próprio Galvão (*apud* Caldeira, 2000, p. 5), segundo o qual suas provas:

Foram no todo não só melhores, mas muito melhores que as do segundo. Essa superioridade é sobretudo visível nas provas de latim, inglês, história, filosofia e iconografia. Algumas dessas provas do senhor Capistrano de Abreu, bem consideradas as dificuldades de um exame inteiramente vago e a exigüidade do tempo concedido, quase se podem dizer magistrais.

Destaca-se também o nome de Rubens Borba de Moraes, bibliotecário, bibliófilo e ensaísta de grande prestígio. Era graduado em Letras pela Universidade de Genebra (MATOS, 2011, p. 152), tendo domínio do inglês e do francês. Foi diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, depois dirigiu a Biblioteca Nacional e posteriormente, atuou como diretor da Biblioteca e do Centro de Informações da ONU em Nova York e em Paris. Ele organizou o segundo curso de Biblioteconomia do país, de acordo com Fonseca (2000, p.108). Segundo seu amigo José Mindlin (1998, p. 109-110), “foi um homem de grande cultura, conhecedor e infatigável leitor dos mais diversos temas”, tendo publicado “uma série de obras que são verdadeiros monumentos de erudição, das quais se destacam a *Bibliografia Brasileira* [...] e a *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro* [...]” (MINDLIN, 1998, p. 110).

Este estudo se faz importante para a Biblioteconomia brasileira, tanto quando olhamos para o passado como quando pensamos no futuro. Por uma perspectiva histórica, pode-se facilmente ver que os primeiros nomes a lidarem com a Biblioteconomia no Brasil eram eruditos e intelectuais de seu tempo, tanto os que exerceram a profissão, quanto os responsáveis pelo desenvolvimento dos primeiros cursos no país, como os nomes acima citados. Então, acredita-se que, visto o passado intelectual que a profissão teve logo em seus primeiros anos, é importante conhecer alguns dos bibliotecários contemporâneos que se assemelham àqueles de outrora.

Acredita-se que seria muito interessante saber, hoje, o que aqueles grandes nomes do passado achariam do quadro atual da Biblioteconomia frente à realidade brasileira; refletir sobre qual seria a função social do bibliotecário e das bibliotecas, por exemplo. Não nos é possível saber com exatidão o que pensariam da Biblioteconomia brasileira atual, mas podemos saber o que pensam alguns dos nossos contemporâneos, suas opiniões sobre a relação entre os conhecimentos

humanistas e a Biblioteconomia e, quem sabe, futuramente, realizar uma autoanálise para saber o quanto se aproximaram de seus pensamentos. Desse modo, acreditamos que o trabalho também possui relevância quando pensado com relação aos anos vindouros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na construção da revisão teórica foram consultadas a Biblioteca Central da UNIRIO, as bases de dados Scielo, Dadun (Depósito Acadêmico Digital da Universidade de Navarra), e o repositório da Universidade Federal do Ceará; o jornal Folha de São Paulo, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Revista Ciência da Informação e o periódico Informação e Sociedade: estudos. Tais bases foram escolhidas por possuírem materiais que tratavam de forma mais objetiva do objeto de estudo, em meio à relativa escassez existente sobre o tema.

Algumas bases, como a Dadun e o repositório da Universidade Federal do Ceará, foram encontradas por meio da ferramenta Google Acadêmico, pelo qual foram localizados os artigos presentes em tais bases de dados.

Aqui se encontram as abordagens históricas e teóricas que embasam o estudo realizado. O referencial teórico abrange o conceito de erudição e de polímata; engloba aspectos existentes na relação entre erudição e Biblioteconomia, expondo a forte “influência humanista” presente no primeiro curso criado no país e, por fim, mostrando a ligação que existe entre os conhecimentos humanistas e o exercer da profissão.

Deve-se salientar que o trabalho não vai abordar o conceito de Humanismo vindo da Filosofia, ou seja, quando usar a noção de humanismo, especificamente a proposta é responder por uma adjetivação da noção de disciplinas das ciências humanas, ou ainda Humanidades.

2.1 A noção de erudição: a caminho de aspectos eruditos na Modernidade

A fim de iniciar o trabalho, faz-se necessário, primeiramente, definir o que se entende por erudição. É um conceito que tem suas raízes no início do Renascimento, o qual “deu um espaço considerável à erudição” (BRIZAY, 2015, p.9), quando havia a presença de notáveis humanistas que se dedicavam a estudar a fundo diversas áreas do conhecimento humano. Como exemplo, para ilustrar, Pic de Mirandole, Jules Cesar Scaliger, Cosimo Bartolli, entre outros.

Ao abordar o Renascimento, acredita-se ser cabível abrir um parêntese e citar Ortega y Gasset (2006), quando este diz que foi justamente no Renascimento que

se observa o surgimento da figura pública do bibliotecário, por conta do crescente papel do livro na sociedade.

Na apresentação do trabalho “*Quevedo y La erudición de su tiempo*”, López-Poza faz interessantes apontamentos sobre a erudição no tempo do escritor espanhol Francisco de Quevedo (1580-1645). Segundo ela, a erudição “[...] se adquiria nos espaços da corte, monastérios ou eclesiásticos, em escolas humanistas e, com certeza, na Universidade. Se precisava conhecer bem o latim para aceder a ela [...]” (LÓPEZ-POZA, 2013, p. 12).

Sobre a aquisição da erudição naquela época, ela nos diz que:

[...] El estilo erudito que debía conseguir se sustentaba en la paciente adquisición de *loci comunes* en la posesión asimilada de los resortes de la lengua latina. Para asegurar el conocimiento de ambas cosas, los jóvenes realizaban prácticas abundantes en las clases de Gramática, Humanidades y Retórica, con la ejecución de breves ejercicios de oratoria en diversos géneros [...] (LÓPEZ-POZA, 1999, p.172).

Também através desta autora foi possível ter acesso a uma ótima explicação sobre o uso da erudição e sua definição por um autor da época, Gracián (apud LÓPEZ-POZA, 1999, p. 171-172):

Consiste en una universal noticia de dichos y de hechos, para ilustrar con ellos la materia de que se discurre, la doctrina que se declara. Tiene la memoria una como despensa, llena de este erudito pasto, para sustentar el ánimo, y de que enriquecer e fecundar los convites que suele hacer a los entendimientos. Es un magacén, rebutido, un vestuario curioso, un guarda joyas de la sabiduría. Sin la erudición no tienen gusto ni sustancia los discursos, ni las conversaciones, ni los libros. Com ella ilustra y adorna el varón sabido que enseña, porque sirve así para el gusto como para el provecho [...] pero no ha de ser uniforme, ni homogénea, ni toda sacra, ni toda profana, ya la antigua, ya la moderna, una vez un dicho, otra un hecho de la historia, de la poesía, que la hermosa variedad es punto de providencia. Especialmente se ha de atender a la ocasión y sus circunstancias, de la materia, del lugar, de los oyentes, que la mayor prenda del que habla o escribe, del orador o historiador, es decir conceso.

Este mesmo autor nos descreve as fontes da erudição, em sua obra *Agudeza y arte de ingenio*, publicada em 1648:

- 1) La Historia, asisagrada, como humana;
- 2) las sentencias y dichos de sábios, sacados de La Filosofía moral y de la poesía;
- 3) apotegmas, agudezas, chistes, donosidades;
- 4) dichos heroicos de príncipes, capitanes, insignes varones;

- 5) emblemas, jeroglíficos, apólogos y empresas (a las que llama 'pedrería preciosa al oro del fino discurrir');
- 6) símiles, alegorías, parábolas;
- 7) adagios y refranes;
- 8) paradojas, problemas, enigmas, cuentos. (GRÁCIAN apud LÓPEZ-POZA, 1999, p. 174).

No livro *Erudition et Culture Savante*, erudição é definida como:

"[...] a mestria de um saber que concede um profundo e vasto conhecimento nos domínios da filologia e da história. É um saber completo fundado sobre o estudo de fontes históricas, de documentos e textos, e concerne a um pequeno número de especialistas que fazem parte, do século XVI ao XVIII, da República das Letras [...]" (BRIZAY, 2015, p. 7)

O mesmo livro fornece uma extensa definição de erudição por Diderot, em sua Enciclopédia:

Esta palavra, que vem do latim *erudire, enseigner*, significa própria e literalmente, *saber, conhecimento*; mas nós a temos mais particularmente aplicada ao gênero de saber que consiste no conhecimento dos fatos, e que é fruto de uma grande leitura. Foi reservado o nome de *ciência* para os conhecimentos que tem necessidade mais imediata de raciocínio e reflexão, tais como a Física, Matemática, etc., e aquele das belas-letas para produções agradáveis do espírito, nas quais a imaginação tem uma maior participação, tais quais a Eloquência, a Poesia, etc.

A *erudição*, considerada em relação ao estado presente das artes, contém três ramos principais, o conhecimento de História, o das Línguas, e o dos Livros.

O conhecimento dos livros supõe, pelo menos até certo ponto, o do conteúdo que eles tratam, e dos autores; mas ele consiste principalmente no conhecimento do julgamento que os cientistas tinham destas obras, da espécie de utilidade que podemos tirar de sua leitura, das anedotas que dizem respeito aos autores e aos livros, das diferentes edições e das escolhas que eles fizeram entre eles." (DIDEROT apud BRIZAY, 2015, p. 7)

Como podemos ver pela citação acima, a ideia de erudição já era bem definida naquela época, como também constatamos no trabalho de López-Poza:

"[...] no tempo de Quevedo, quando se qualificava alguém como "erudito" sabia-se com bastante certeza que tipo de conhecimentos possuía e qual era a forma em que mostrava sua habilidade ao utilizar-los. (LÓPEZ-POZA, 1999, p.11)

Em relação ao erudito, o indivíduo que detém esse conhecimento, achou-se por bem ilustrar a ideia tida utilizando como exemplo o célebre Otto Maria Carpeaux, que também exerceu a profissão de bibliotecário. Além da capacidade de ler em todas as línguas europeias, seus textos transmitem a impressão de que não havia

sequer uma vírgula escrita em toda a literatura da Europa Ocidental que não fosse de seu conhecimento. Também é notório seu conhecimento filosófico e histórico e, antes de adquirir o conhecimento de Letras, Carpeaux estudou toda a Matemática, Física e Química, conforme visto em Senna (1996). Portanto, ele ilustra bem a ideia de erudição como um conhecimento extremamente largo e profundo, que não aparentava ter limite (VANNUCCHI, 1990).

Em trabalho de Albuquerque Júnior, tem-se uma descrição feita pelo antropólogo Barry Malinowski sobre seu antecessor James George Frazer, que, tendo vivido entre o século XIX e a metade do século XX, correspondia ao conceito clássico de erudição:

[...] Seu saber era vasto e universal, aliava conhecimentos de física, biologia, história, folclore; escreveu ensaios e poesias. Lia Homero em grego, Ovídio e Virgílio em latim e a Bíblia em Aramaico. [...] (MALINOWSKI apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 44)

Albuquerque Júnior expressa com clareza e completude a ideia que o presente estudo possui sobre o erudito clássico:

O erudito se caracterizava por possuir um saber vasto e transitava por diferentes áreas do conhecimento; ele não era um especialista, tinha o olhar direcionado mais para a extensão do que para a profundidade do conhecimento que procurava. Sua relação com o saber, com os livros, com os documentos, com a biblioteca era de amador, de amante. Não vê sua atividade como uma profissão, pois, na verdade, os eruditos quase sempre se dedicavam às belas letras ou às humanidades por prazer ou em busca de status, já que, comumente, tinham outra profissão que garantia o sustento. Na maioria dos casos, a formação do erudito era autodidata, não possuía uma formação especializada e, quando a possuía, costumava ser em área distinta daquela em que produzia grande parte do trabalho com as letras. Seu trabalho com a escritura não era visto como separado da vida privada ou íntima [...] O erudito costumava ter, em casa, a sua própria biblioteca, lugar de trabalho, o seu lugar de receber e conviver com outras personalidades do mundo da cultura. Sua vida era escrever e, em grande medida, escrever sobre o que vivia. Experiências íntimas e interesses privados se misturavam com sua atividade pública de escritor, poeta, historiador, etc (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 55)

Além do conhecimento de Letras, História e Línguas, verificou-se que o conhecimento filosófico também era recorrente quando abordamos uma noção de erudição da época, como se vê em Leibniz e Bacon, que fizeram contribuições originais para a área, conforme Burke (2003).

O conceito de erudito assemelha-se ao de polímata, abordado por Burke (2003; 2011), que também se refere a um indivíduo com conhecimento de diversas ciências diferentes. Como exemplo de um polímata, pode-se citar o jesuíta alemão Athanasius Kircher, que escreveu sobre assuntos variados como China, Egito, matemática, música, entre outros; Leonardo da Vinci é outro célebre polímata. Segundo Burke (2011, p.4) “a idéia do polímata surgiu como uma resposta à especialização crescente [...]. Tanto o surgimento quanto o declínio do polímata ocorreram no mesmo século, o XVII.”

Considerando-se o material analisado, a ideia de erudição está ligada a uma universalidade de conhecimentos e, principalmente, ao domínio de disciplinas humanistas, ou seja, das Humanidades, como História, Letras, Artes, Línguas e Filosofia.

2.2 A noção de erudição após o século XIX: aproximações aos elementos contemporâneos de definição do sujeito erudito

Este ideal de se dedicar a estudar todas as áreas do conhecimento humano entrou em colapso devido a fatores como a criação da prensa tipográfica e a especialização das disciplinas. Seu declínio iniciou-se ainda no século XV, como vemos em Burke (2002), pois pouco tempo depois do surgimento da prensa tipográfica, o número de obras produzidas cresceu drasticamente, tornando-se um estorvo para aqueles indivíduos desejosos de ler tudo que fosse produzido. Ele também nos diz que, “em 1550 já começaram a surgir reclamações de que tantos livros haviam sido impressos que ninguém tinha tempo nem sequer de ler os títulos, muito menos de descobrir os conteúdos.” (Burke, 2003, p.1).

Este problema também é abordado por Blair (2008, p. 74), que relata o que pensava um intelectual da própria época: “Gabriel Naudé resume assim lucidamente as novas condições da erudição no fim da Renascença: doravante, não se pode mais pretender dominar sozinho a massa acumulada e sempre crescente dos textos e dos saberes [...]”.

Esta dificuldade tornou-se maior no século XIX, com a especialização das disciplinas, sendo humanamente impossível que um indivíduo lesse todo o material científico produzido. O assunto foi abordado por Brizay (2015, p. 7-8):

Torna-se doravante impossível dominar tantos conhecimentos quanto na época de Pic de laMirandole, de Jules César Scaliger (1484-1558) e de seu filho Joseph-Juste Scaliger (1540-1609), do pastor Samuel Bochart (1599-1667), do jesuíta Athanasius Kircher, de Nicolas-Claude Fabris de Pereisc ou de Louis Moreri, para citar algumas figuras marcantes da erudição na época moderna.

Em Burke (2003), vê-se que o aparecimento de palavras como “especialistas” e “profissionais”, no século XIX, acusam o crescimento da divisão do trabalho intelectual. Fato que também se percebe na mudança do curso universitário básico, que até 1800 era constituído das sete artes liberais que todos deveriam cursar e que, a partir de então, começou a se especializar em disciplinas de departamentos.

Segundo Albuquerque Júnior (2005), outros fatores também contribuíram para a derrocada do sujeito erudito no campo do conhecimento. Ele cita Manilowski, que toma a Primeira Guerra como um marco de transição social, e diz que “a figura do erudito se tornou obsoleta a partir das transformações econômicas, sociais, políticas e culturais que o conflito representou” (MANILOWSKI apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 46).

Para Albuquerque (2005), nesta nova sociedade formada no pós-guerra, não caberia mais alguém com os conhecimentos comumente possuídos pelos eruditos. Com o surgimento da sociedade urbano-industrial, o conhecimento técnico e a ciência aplicada passam a ter mais valor que o “conhecimento humanista”.

No entanto, como vemos com o próprio Carpeaux, o conceito de erudito continuou a aplicar-se a determinados indivíduos. Logo, será feita uma reflexão sobre quais as características que um indivíduo deve possuir para ser considerado um erudito após o século XIX. Dessas características, algumas nos parecem ser generalizadas entre os eruditos, como as levantadas acima: conhecimento histórico aprofundado; domínio de diversas línguas; e um conhecimento aprofundado de uma ou mais ciências humanas. Junto a esses conhecimentos próprios dos eruditos, juntam-se os conhecimentos próprios da ciência à qual ele se dedica. No caso aqui, a Biblioteconomia.

De fato, pode-se perceber que os primeiros nomes da Biblioteconomia brasileira, citados mais acima, se encaixam nestas características, tendo eles vivido de meados do século XIX até o início do século XX.

É possível encontrar outra pista sobre o que o conceito de erudição nos dias de hoje em um trecho do livro “Aspectos do Romance”, de Edward M. Foster:

A erudição genuína é um dos mais elevados êxitos que nossa raça pode atingir. Merece o maior respeito o homem que escolhe um assunto de valor e domina todos os seus fatos e os fatos principais das matérias correlatas. [...] O erudito, como o filósofo, pode contemplar o rio do tempo [...] (FOSTER, p13, 1998).

É importante notar, neste trecho citado, a seguinte passagem: “[...] escolhe um assunto de valor e domina todos os seus fatos e os fatos principais das matérias correlatas [...]”. Assim, vemos que mesmo que os eruditos não dominem mais todas as áreas do conhecimento humano, ainda possuem o completo domínio de áreas que são próximas entre si.

Observa-se também que é comum a expressão “conhecimento erudito” ser usada em relação a um conjunto específico de conhecimentos, como História, Filosofia, Poesia, Artes e Música, ou seja, conhecimentos humanistas.

Araki (2015, p. 203) tem uma interessante proposta sobre a composição da polimatia, segundo ele, três dimensões são envolvidas nela: abrangência, profundidade e conectividade. Acreditamos que essas dimensões também possam ser entendidas para o conceito de erudição.

2.3 Erudição e Biblioteconomia: relações históricas, educacionais e profissionais

Aqui serão observados e discutidos aspectos da relação existente entre erudição e Biblioteconomia que são pertinentes para o presente estudo.

Primeiro, será visto como a erudição esteve presente no desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia no Brasil. Dando enfoque no primeiro momento desse desenvolvimento, onde o curso da BN foi inspirado na *École de Chartes*, com um cunho humanista, em que havia uma valorização de disciplinas clássicas, o domínio de diversas línguas e a concepção de bibliotecário guardião e erudito. Após isso, não podendo deixar de citar, um segundo momento, que aqui não será o foco do estudo, uma Biblioteconomia mais tecnicista, pautada nas escolas norte-americanas.

A seguinte seção revela a opinião de alguns autores do campo sobre a importância de conhecimentos humanistas para uma boa formação e prática profissional do bibliotecário. Para isso, foram analisados autores que narram a iniciativa de aprendizado de disciplinas humanistas dentro de sala de aula.

2.3.1 A erudição a partir do desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia no Brasil

De acordo com Fonseca (apud Mueller, 1985, p. 3), pode-se dividir a história do ensino profissional em Biblioteconomia no Brasil em três fases. Na primeira fase, de 1879 a 1929, liderada pela Biblioteca Nacional, a influência francesa predominou no ensino, com a fase seguinte sofrendo a inspiração americana e a terceira caracterizando-se pela uniformização dos cursos pelo currículo mínimo.

Em seu início, o ensino de Biblioteconomia no Brasil esteve ligado à ideia do bibliotecário erudito, guardião do conhecimento. Nesta primeira fase “predominava o modelo humanista francês da *École de Chartes*, que a Biblioteca Nacional adotara durante três décadas.” (CASTRO, 2000,). As disciplinas ofertadas no ano de 1931, neste curso, eram as seguintes: “Bibliografia; Paleografia e Diplomática; História da Literatura; Iconografia e Cartografia.” (CASTRO, 2000, p. 105).

Vemos com Fonseca (apud CASTRO, 2000, p. 200) que “a adoção pela Biblioteconomia do modelo francês, justificava-se na medida em que a ciência, as artes, a cultura brasileira, neste período, eram fortemente influenciadas por este país.”

No entanto, a influência “norte-americana sobre a cultura brasileira grassou-se progressivamente, em todas as esferas da cultura, a partir do final dos anos vinte, ascendendo [...] sobre o ensino de Biblioteconomia.” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 17). O segundo curso da área no país foi criado em São Paulo, patrocinado pelo então instituto Mackenzie, que havia trazido uma bibliotecária americana para preparar uma bibliotecária do instituto que iria fazer uma especialização nos Estados Unidos, como diz Mueller (1985, p. 3). Este segundo curso possuía forte apelo tecnicista, e a própria Biblioteca Nacional no ano de 1944 “modificou seu currículo com o acréscimo de disciplinas técnicas [...]” (CASTRO apud ALMEIDA; BAPTISTA, 2000, p. 3).

Como não está entre os objetivos do trabalho discutir especificamente o desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia no país, nos ateremos apenas à primeira fase, na qual, como visto na justificativa, para entrar no curso de Biblioteconomia da BN, o candidato deveria possuir conhecimentos humanistas:

Em resumo, era condição, para ser bibliotecário, possuir cultura geral o que incluía, além de conhecimento da língua materna,

demonstrado em prova escrita, saberes universais nos diversos campos, aliados aos domínios dos idiomas falados nas Artes, Ciências e Letras. (CASTRO, 2000, p. 55)

Portanto, o candidato que desejasse tornar-se bibliotecário deveria “preencher a condição inicial de ter conhecimento amplo, humanístico, sobre o campo das Artes, Humanidades, Línguas e Ciências [...]” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 15)

No âmbito biblioteconômico, portanto, acreditamos que além daqueles conhecimentos específicos, um bibliotecário, para se aproximar do conceito dado de erudito, deve possuir um saber profundo da história dos livros e das bibliotecas; possuir o domínio de línguas estrangeiras, principalmente daquelas essenciais ao campo, como o inglês e o francês; além do conhecimento das ciências correlatas à Biblioteconomia.

Em relação à formação deste bibliotecário, Moraes (1942, apud MARTINS, 1996, p. 341) diz que: “A cultura, ele a adquire em primeiro lugar, antes de entrar para a escola técnica, na Universidade e fora dela, lendo e estudando os conhecimentos humanos em perpétua transformação. [...]”

2.3.2 A erudição sob a noção de humanismo: conhecimentos humanistas e o exercer da profissão de bibliotecário

Nesta seção objetiva-se levantar e apresentar a forma como alguns autores veem a necessidade dos conhecimentos humanistas para a formação profissional do bibliotecário. Não é o objetivo, entretanto, discutir qual é o caráter da profissão, se é eminentemente humanista ou técnico, ou se o currículo universitário deve seguir uma ou outra linha.

O presente trabalho acredita que o conhecimento em humanidades seja importante para exercer de forma eficiente as funções exigidas de um bibliotecário, logo, foi recorrente utilizar opiniões de autores que embasam essa ideia, com alguns deles versando sobre o ensino de disciplinas humanistas no currículo universitário.

Acredita-se que esse ensino nas universidades seja necessário, pois, se é importante que os bibliotecários tenham esse modelo de formação, e não sendo possível assegurar que a aquisição fora da universidade, é importante que, ao

menos quando façam o curso, recebam um pouco deste conhecimento que lhes será útil ao se formarem.

É possível ter uma ideia melhor do que se quer obter a partir de Moraes (apud MARTINS, 1996, p. 341-342):

O bibliotecário moderno deve ser um misto de técnico e intelectual. A sua preocupação principal não deve ser datilografar fichas perfeitas, segundo um código de catalogação, mas conhecer o conteúdo dos livros que possui, ser um guia intelectual do leitor. Muitos bibliotecários esquecem que a principal coisa, na biblioteca, para o leitor, é o livro e não a técnica que se empregou para catalogá-lo e classificá-lo. O bibliotecário moderno, repito, é um intelectual e um técnico [...] É por isso que julgo um erro colocar à frente das bibliotecas não só eruditos sem preparo técnico, mas também técnicos sem erudição.

Prado aborda um pensamento parecido, possuindo a opinião de que a profissão de bibliotecário é uma das que

[...] mais exige cultura geral dos profissionais [...] Daí sugerir que fossem incluídos no currículo saberes como arte, ciências, literatura e línguas. Saberes que tinham a finalidade de capacitar o bibliotecário a dirigir, desenvolver e manter bibliotecas universitárias, nacionais e especializadas. (PRADO, 1961, p. 2 apud CASTRO, 2000, p. 202)

É extremamente condizente com a realidade prática o que diz Cavalcanti, que aborda a formação dada pelos cursos universitários de Biblioteconomia, com o pensamento de conciliar a linha humanista com a técnica (CAVALCANTI, 1957, p. 328 apud CASTRO, 2000, p. 198):

[...] há que dar ao bibliotecário uma formação condigna, ao mesmo tempo cultural e técnica. Há que preparar bibliotecários capazes de organizar e dirigir bibliotecas e serviços de documentação, selecionar material bibliográfico altamente especializado, redigir resumos de trabalhos científicos, realizar pesquisas bibliográficas, orientar leitores, lidar com processos eletrônicos de armazenagem e recuperação de informações. Vê-se claramente que, na formação do bibliotecário, as disciplinas culturais são tão importantes quanto as técnicas.

O bibliotecário deve auxiliar o usuário em sua pesquisa e “ser o filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem” (ORTEGAY GASSET, 2006, p.46). Tem-se, nesta citação, uma indicação do aspecto cultural próprio da função do bibliotecário. Pensamos que quando Ortega y Gasset diz “filtro”, ele se refere não somente ao trabalho de buscar títulos e nomes de autores que o usuário solicite,

mas se refere à atividade de realizar conexões entre os conteúdos de cada obra, estabelecer diálogos entre diferentes autores e temas, auxiliando, assim, o usuário a realizar suas pesquisas e, para isso, é necessária uma formação humanista.

A necessidade desses conhecimentos foi bem sintetizada por Fonseca (2007, p. 107), quando diz que “[...] a conciliação da cultura geral com a técnica e o instrumental lingüístico: conciliação que produz o bibliotecário ideal.”

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método aqui empregado foi a pesquisa qualitativa, e o corpus foi constituído a partir de duas tipologias de coleta de dados, entrevista e questionário.

A proposta inicial era realizar entrevistas presenciais com os respondentes. No entanto, devido à dificuldade de marcar os encontros, por fatores como tempo disponível, local de trabalho e residência de cada um, as coletas precisaram ser realizadas de modos distintos. As coletas podem ser classificadas da seguinte forma: uma entrevista presencial e cinco questionários autoadministrados. Dos questionários auto-administrado, três foram respondidos por *e-mail* e dois por Whatsapp. Assim, do objetivo inicial de realizar todas as coletas por entrevistas, só foi possível realizar uma, tendo as outras ocorridas por meio de questionários.

Reconhecemos que a distinção entre entrevista e questionário é singular e pode revelar dados completamente distintos. No entanto, como a entrevista se baseava em um roteiro estruturado, com questões de fundo objetivo, acreditamos que a dinâmica de uso de questionário e entrevista para a formação de um só corpus para análise não constituiu em grande heterogeneidade de fontes.

Inicialmente, o objetivo era entrevistar 9 pessoas, no entanto, apenas 8 responderam ao chamado. Dessas 8, apenas 6 enviaram suas respostas. E não foi possível entrevistar o sétimo respondente pretendido por incompatibilidade de horários. Desse modo, foram realizadas seis coletas de dados.

Para as coletas de dados foram escolhidos bibliotecários que apresentassem características referentes ao conceito de erudição apresentado, como o conhecimento de diferentes áreas, citado por Albuquerque Junior (2005), preferencialmente em áreas humanistas, e conhecimento de diferentes idiomas, como visto em Diderot (apud Brizay, 2015).

Os entrevistados concordaram em participar voluntariamente da pesquisa, tendo assinado o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a apresentação dos dados, os entrevistados foram desidentificados, adotando-se a sequência de entrevistas por ordem consecutiva, desse modo, a expressão E1 designa o primeiro; E2, o segundo; E3, o terceiro; E4, o quarto; E5, o quinto e E6 o sexto.

A fim de escolher os entrevistados, teve prioridade o que atendessem aos seguintes critérios: ter mais de uma formação a nível superior e/ou domínio de outra língua além do português

Segue uma breve explicação do perfil dos entrevistados: E1 possui graduação em Biblioteconomia e História, pós-graduação em Geração de bases de dados nacionais e internacionais e em Gestão do Conhecimento. É mestra em Educação, Arte e História da Cultura e doutoranda em História das Ciências. Consegue se comunicar razoavelmente em Inglês e espanhol, e fala um pouco de francês.

E2 é formada em Biblioteconomia e em Educação Artística, com habilitação em Música. Possui também curso técnico de Música e de Música Sacra. Não se comunica em língua estrangeira.

E3 é formada em Biblioteconomia e Comunicação Social, e possui mestrado em Biblioteconomia. Consegue usar o espanhol, o francês e o inglês para se comunicar.

E4 é formada em Biblioteconomia, possui mestrado em Ciência da Informação e doutorado em Ciências da Comunicação. Comunica-se em inglês e francês, e consegue compreender o espanhol e italiano falados.

E5 é graduada em Biblioteconomia, tendo especialização em documentação científica e em Formação de Docentes de nível superior, e um mestrado em Ciência da Informação.

E6 possui graduação em Biblioteconomia. Tem fluência na língua inglesa, e consegue se comunicar em francês, espanhol e italiano.

A pesquisa estabeleceu, a partir do Referencial Teórico, apresentado na seção primária anterior, as seguintes variáveis para observar a construção da experiência erudita na Biblioteconomia contemporânea: “formação interdisciplinar”; “formação filosófica”; “formação em línguas”; “formação biblioteconômica”; “interesse pela Biblioteconomia”; “Interdisciplinaridade com a Biblioteconomia”.

Dadas as variáveis, apresentamos a descrição dos elementos centrais de cada uma, em diálogo com o Referencial Teórico. Sobre a primeira, “formação interdisciplinar”, tem-se como foco a própria formação múltipla oferecida pelos diferentes cursos de graduação e pós-graduação feitos pelo entrevistado, visto que as noções de erudição se confundem com um certo “saber total” (várias disciplinas científicas).

Sobre a segunda, “formação filosófica”, o foco está em qualquer curso de filosofia feito pelo entrevistado, seja de graduação, mestrado ou doutorado.

Sobre a terceira, “formação em línguas”, o foco está sobre cursos de idiomas que o entrevistado tenha feito, em qualquer nível, incluindo cursos livres, desde que ele se afirme fluente em uma ou mais línguas além da língua portuguesa.

Sobre a quarta, “formação biblioteconômica”, o foco está no quadro de disciplinas relativo ao ano em que o entrevistado se formou, ou seja, na capacidade filosófico-linguística-interdisciplinar do currículo do graduando no ano em que ele se formou.

A quinta e a sexta variáveis são, respectivamente, “interesse pela biblioteconomia” e “interdisciplinaridade com a Biblioteconomia”, serão perguntas abertas, pois correspondem a aspectos mais subjetivos de cada entrevistado.

A partir desse entendimento de cada variável, construímos uma questão para cada, formando assim o instrumento de coleta de dados.

Para a primeira variável, “formação interdisciplinar”, a pergunta elaborada foi: “De que modo se processou sua formação intelectual?” A partir da definição de erudição que temos em Diderot e das explicações sobre como eram constituídos os conhecimentos eruditos segundo López Souza, nosso objetivo é saber de que modo a formação intelectual do entrevistado corresponde àquelas citações, principalmente com relação à multiplicidade de disciplinas estudadas.

Com esta pergunta também objetivamos saber não só os tipos de conhecimentos adquiridos pelo entrevistado, mas também a ordem em que foi estudada cada disciplina, e se essa formação se deu de forma autodidata, em cursos avulsos etc.

Para a segunda variável, “formação filosófica”, a pergunta elaborada foi: “Possui formação filosófica universitária?” Essa pergunta complementa a primeira, com a diferença de que queremos saber, especificamente, se o entrevistado possui alguma formação em filosofia.

Para a terceira variável, “formação em línguas”, a pergunta elaborada foi: “Em quantos idiomas você se comunica?” Pois como o conhecimento das línguas faz parte do conhecimento erudito segundo a definição de erudição da Enciclopédia de Diderot (apud BRIZAY, 2015, p. 7), é relevante saber em quantos e em quais idiomas o entrevistado consegue se comunicar.

Para a quarta variável, “formação biblioteconômica”, foi elaborada a seguinte pergunta: “Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?” Como vimos, no início do ensino de Biblioteconomia no Brasil, a BN tinha como influência o modelo da *École de Chartes*, com um currículo mais humanista, tendo a influência tecnicista chegado aos cursos brasileiros um pouco mais tarde. Ao saber em que faculdade e em qual ano o entrevistado se formou, objetivamos saber se sua formação acadêmica, pelo menos em relação à biblioteconomia, foi mais humanista ou tecnicista.

Para a quinta variável, “interesse pela Biblioteconomia”, a pergunta elaborada foi: “Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?” Aqui nos aproximamos mais de nosso objetivo. Queremos saber se o interesse pela Biblioteconomia surgiu antes ou depois da aquisição dos conhecimentos eruditos. Por exemplo, se surgiu como resultado do enorme contato com livros e autores diversos proporcionados pelo trabalho em bibliotecas etc.

Para a sexta variável, “interdisciplinaridade com a Biblioteconomia”, a pergunta elaborada foi: “De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?” Podemos ver com Moraes, Prado, e Ortega y Gasset, como os conhecimentos eruditos são necessários para a boa prática da profissão. Com esta pergunta pretendemos ver a opinião que cada entrevistado tem sobre essa a relação.

Assim, o instrumento de coleta de dados foi constituído por seis questões.

4 RESULTADOS

Os resultados, através da análise e discussão das respostas obtidas pela aplicação do instrumento de pesquisa, buscam resolver a questão do conceito de erudição na formação e atuação do bibliotecário contemporâneo e em suas visões.

4.1 Análise

Nesta seção os dados obtidos por meio das coletas de dados serão interpretados e comparados entre si.

4.1.1 Questão 1

Podemos analisar as respostas da questão 1 - “De que modo processou-se sua formação intelectual?” - a partir de dois ângulos. Primeiro, observando a vida acadêmica do entrevistado e, depois, sua formação intelectual fora da academia, quando esta foi citada em sua resposta.

Como visto, iniciaremos analisando a vida acadêmica dos entrevistados. Os seguintes possuem outra graduação além da Biblioteconomia: “E1”, “E2”, e “E3”. “E1” possui uma graduação em História; E2 possui graduação em Educação Artística, com habilitação em Música; E3 é graduada em Comunicação Social; “E4” e “E2” possuem graduações incompletas em Letras e Piano, respectivamente.

Com exceção de E2, todas possuem algum tipo de pós-graduação, desde mestrado a doutorado. Quatro possuem mestrado: E1, E3, E4 e E5. E1 possui o único mestrado fora da área de Biblioteconomia, em “Educação, Arte e História da Cultura”. E3 é mestre em Biblioteconomia pela, E4 e E5 possuem mestrado em Ciência da Informação. Embora E2 não possua cursos de pós-graduação na área, tem uma grande formação artística iniciada ainda na infância, na escola de música da UFRJ. Além da graduação em Educação Artística, tem bacharelado em Música Sacra e curso técnico em piano, tendo capacidade de tocar todos flautas de todos os tamanhos, cravo, órgão e violoncelo.

Quanto ao doutorado, E4 possui em Ciências da Comunicação, e E1 é doutoranda em “História das Ciências” pela Universidade de Coimbra.

Analisada suas vidas na academia, agora o foco recairá sobre suas formações intelectuais fora dela. As entrevistadas que mencionaram de forma mais evidente essa formação foram E3, E4, E5 e E6.

É possível ver que todas têm em comum, nesse aspecto, o interesse pela leitura despertado desde a infância. Pode-se juntar ao interesse pela leitura a visita a museus e outros aspectos culturais, citados mais especificamente por E3, E4 e E6. Por exemplo, E3 disse que seu ambiente familiar rico em livros e em fontes de consulta, tendo incentivo dos pais na visita de museus e espaços culturais, ocorrendo o mesmo com E6; E4 relata que era comum visitar cinemas culturais na cidade do Rio de Janeiro, como a cinemateca do Museu de Arte Moderna.

O relato de E4 possui muitos aspectos pertinentes. Ela diz que sua formação intelectual começou com seu pai contando histórias na hora de dormir. Ainda diz que ele “era um homem muito culto, médico pediatra, que falava e lia cinco idiomas (português, francês, inglês, alemão e italiano.)”.

Ela nos conta que em sua casa todos liam, e diz que quando uma amiga visitava sua irmã, a visita se dava com “cada uma sentada numa poltrona, cada uma com um romance.” Fez o segundo grau no Colégio Santa Úrsula, onde o ensino incluía: “Filosofia, Psicologia, História da Arte, Ciência Política, Latim, Inglês, Francês, além de Português, Geografia e História.” Ou seja, ela teve uma grande vivência cultural antes mesmo de adentrar na faculdade.

4.1.2 Questão 2

Esta questão – “Possui formação filosófica universitária?” – apresentou dois padrões de resposta, um no qual os entrevistados mostraram um interesse pessoal, e outro pelo qual cursaram por ser uma disciplina presente na vida acadêmica.

Dois entrevistados – E1 e E4 – demonstraram um interesse maior pela Filosofia, tendo E1 estudado a disciplina enquanto cursava suas graduações, mas atentou que sempre leu muito da área por interesse próprio. E4 teve contato com a disciplina durante o curso de Biblioteconomia e durante o Doutorado, e, após a aposentadoria, voltou a estudar Filosofia em um curso da PUC-RJ, o que também demonstra um interesse pessoal pela matéria.

Os outros entrevistados – E1, E2, E3, E5 e E6 – relataram ter estudado a disciplina apenas nos cursos freqüentados em suas respectivas formações.

4.1.3 Questão 3

Na análise da questão 3 – “Em quantos idiomas você se comunica?” -, nos ateremos mais às línguas, sem nos preocupar tanto em como foram aprendidas, pois nem todas as respostas trouxeram esta informação.

E1 se comunica razoavelmente bem em inglês e de forma satisfatória em espanhol, tendo feito cursos nessas duas línguas. Também fala um pouco de francês, mas por estudo próprio.

E2 se comunica apenas em português. Já fez curso de inglês por três anos, porém, só compreende a escrita.

E3 utiliza razoavelmente bem o espanhol, o inglês e o francês. Possui algum estudo formal em francês, e menos de inglês e espanhol, que estudou mais por si mesma.

E4 consegue se comunicar em inglês e francês, além de compreender espanhol e italiano falado.

E5 se comunica em inglês e espanhol.

E6 é fluente em inglês, e também consegue se comunicar em espanhol, francês e italiano.

Como pode ser visto, as línguas mais comuns são o inglês e o espanhol, embora também haja presença do francês e italiano.

4.1.4 Questão 4

Esta questão – “Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?” – teve respostas sem grandes distinções. Todos os entrevistados fizeram o curso em faculdades localizadas no Estado do Rio de Janeiro. Com exceção de E1, que se formou pela Santa Úrsula, todos os outros frequentaram o curso em universidades federais. Percebe-se também que os anos em que se deram a formação

E1, conforme visto, fez o curso na Santa Úrsula, de 1987 a 1989; E2 cursou na UNIRIO, de 2011 a 2014; E3 também cursou na UNIRIO, entre 1987 e 1991; E4 começou o curso em 1968, na Biblioteca Nacional, mas, por motivos pessoais, só retornou em 1974, já na FEFIEG, e após mudar-se para Brasília, concluiu o curso

pela UnB em 1977; E5 fez o curso na UFF, de 1984 a 1988; E6 cursou pela UFF, de 1973 a 1976.

4.1.5 Questão 5

Esta é uma questão com forte carga subjetiva, pois a resposta está diretamente ligada à experiência de vida de cada entrevistado. Pode-se inferir, pelas respostas, que todos os entrevistados escolheram o curso por uma inclinação pessoal para com a área, relatando o gosto pela leitura e a vivência em bibliotecas como fatores que influenciaram na decisão pela profissão.

E1 conta que o interesse pela Biblioteconomia surgiu quando estava trabalhando na Biblioteca do Congresso Americano no Consulado do Rio de Janeiro, e teve a oportunidade de observar os bibliotecários trabalhando, segundo seu relato, “foi um interesse que surgiu a partir da prática”.

E2 conta que sempre teve vivência em bibliotecas por conta de sua formação musical e, após formada em música, decidiu fazer uma outra faculdade por motivos profissionais. Pela sua vivência e conselho de uma amiga, decidiu cursar Biblioteconomia.

E3 diz que seu interesse vem de sua formação, pois foi criada em um ambiente no qual a leitura e a discussão sobre livros sempre esteve presente. Ao longo de sua infância frequentava bastante a biblioteca pública de seu bairro, onde começou a se interessar pela dinâmica da profissão, acabou experimentando o curso após conhecer uma bibliotecária por quem tinha admiração, que lhe explicou sobre a profissão.

E4 relata que escolheu o curso pela sugestão de uma amiga do marido, após ela ter abandonado o curso de Letras.

Segundo E5, seu interesse foi natural, pois sempre gostou de ler e de organização.

E6 diz que seu interesse surgiu durante o curso de graduação. Na época do vestibular pretendia prestá-lo para alguma faculdade de humanas, sendo que sua real vocação era para Belas Artes. No entanto, por conta do parco mercado de trabalho para o formado em Belas Artes, optou pelo curso de Biblioteconomia, pois tinha um conhecido que já o cursava, e as disciplinas lhe interessavam. Enquanto estava no curso descobriu que tinha vocação e prazer em exercer a profissão.

4.1.6 Questão 6

Esta questão possui grande pertinência para o trabalho – “De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?”.

Segundo E1, “tem muito a ver com a prática bibliotecária. Se é que a gente entende ‘conhecimento humanista’ toda aquela parte que prepara o ser humano para interação com o outro.” Ainda segundo ela, “essa visão mais humanista leva a todos os aspectos mais democráticos de respeito ao saber do outro [...] de querer proporcionar ao outro saber e ser um facilitador.”

E2, além de se referir a esse ponto, do bibliotecário trabalhar para o outro, também o relaciona a sua formação musical. Ela diz que, por ser formada em música, sabe de que maneira um pesquisador da área gostaria de encontrar determinada obra, o que facilita seu trabalho. Além disso, refere-se ao fato de que nos Estados Unidos é necessário ter alguma formação universitária antes de cursar Biblioteconomia. Como diz, ela tem maior conhecimento das diferenças de estilos musicais, o que um bibliotecário que não é formado na área não possui.

E3 diz que “a prática da boa Biblioteconomia inexistente sem esses conhecimentos, pois são eles que proporcionam o vocabulário, a base cultural e o horizonte de visão que necessitamos, não importa para qual tipo de biblioteca ou usuário.” Ela também aponta para a importância de conhecer outros idiomas, pois “são pontes para entender outros pontos de vista e novas informações.”

Com E4 temos a ideia de que esses conhecimentos são necessários para todas as profissões, até mesmo as de “exatas”. Ela aponta ser importante “o conhecimento de História, de relações interpessoais, do significado das culturas, da compreensão do ambiente em que se trabalha.”

E5 já inicia sua resposta dizendo que trabalhamos para a sociedade. Segundo a mesma, “localizar as informações necessárias a sobrevivência física, intelectual e emocional da humanidade é o cerne da profissão”, e completa dizendo que este tipo de conhecimento é importante para uma melhor realização trabalho do bibliotecário.

Por ser uma questão mais subjetiva que as demais, é natural que as respostas sejam um pouco diferentes, pois às vezes a questão foi interpretada diferentemente pelos entrevistados. Apesar disso, percebe-se que muitas

respostas convergem para um mesmo sentido, de como os conhecimentos humanistas servem para facilitar a função que o bibliotecário tem para com a sociedade.

4.2 Discussão

Nesta seção serão discutidos os dados coletados, à luz do referencial teórico, para discutir as questões analíticas anteriormente permitidas pela exploração do corpus.

4.2.1 Questão 1

Esta questão, ao tratar da formação intelectual, tem seu foco, naturalmente, sobre as disciplinas estudadas ao longo desta formação. Logo, cabe aqui a definição que consta na Enciclopédia de Diderot, presente no livro de Brizay (2015), segundo a qual a erudição abrange os conhecimentos de História, de Línguas e de Livros;

Tendo como base essa citação, é possível perceber que a entrevistada E1 é a que mais possui conhecimentos de História, pois além de uma graduação na área, possui mestrado em “Educação, Arte e História da Cultura” e está cursando um doutorado em “História das Ciências.”

Com relação às Artes, a entrevistada que mais se destaca é a E2, com sua longa formação musical. As entrevistadas E3 e E4 também relataram ter o hábito de ir aos ambientes culturais, embora não possuam formação alguma nessa área.

Ao se fazer uma avaliação total de todas as respondentes, chegou-se a conclusão que E4 é a que mais se encaixa nas citações apresentadas, visto a grande quantidade de disciplinas estudadas desde a escola, aliadas à vivência cultural descrita por ela e aos estudos feitos por conta própria, o que a faz se aproximar da definição de Vanucci, que trata erudição como um conhecimento largo e profundo

4.2.2 Questão 2

Como visto com Burke (2003), era recorrente o conhecimento filosófico entre os eruditos da época, logo, buscou-se saber se os entrevistados possuíam algum curso universitário na área.

Nenhum dos respondentes possui formação filosófica universitária, mas, embora nem todos tenham dito explicitamente, supõe-se que todos tenham estudado a disciplina durante o curso de Biblioteconomia, e ao longo de sua formação acadêmica.

Pode-se observar que os que mais se encaixam na citação apresentada são E1 e E4. E1 demonstrou um interesse pessoal pela área, realizando estudos com propósitos pessoais, e E4 relatou ter feito um curso na área pela PUC-RJ, mas não pode terminá-lo por motivos pessoais.

4.2.3 Questão 3

Pode-se ver o conhecimento de outras línguas presente na Enciclopédia de Diderot, presente em Brizay (2015), e em Prado (apud Castro, 2000), quando aborda a parte cultural da prática bibliotecária.

Como visto, com exceção de E2, todos os entrevistados dominam ao menos dois idiomas além do português, logo, todos se encaixam nas citações apresentadas.

Dito isto, percebe-se E4 e E6 são as entrevistadas que mais se adéquam às citações, pois falam francês e inglês, além de compreender espanhol e italiano falados, totalizando quatro idiomas conhecidos.

4.2.4 Questão 4

Como visto em Fonseca (apud Mueller, 1985), e Castro (2000), em seu início o ensino de Biblioteconomia no Brasil teve forte influencia humanista, e a partir dos anos 1920 a influencia norte-americana, de cunho tecnicista, começou a se fazer presente, conforme Mueller (1985) e (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009)

Esta pergunta trata apenas da formação em Biblioteconomia, e revela que todos fizeram o curso em universidades presentes no Rio de Janeiro. Os períodos de formação vão desde a década de 1960 até o ano de 2014, indicando uma formação com maior apelo tecnicista.

E4 possui a formação mais antiga, iniciada em 1964 nos Cursos da Biblioteca Nacional, porém, como visto, nesta época a BN já havia incluído matérias tecnicistas no seu currículo, embora tenha mantido disciplinas humanistas.

Assim, vê-se que nenhum dos respondentes teve uma formação de cunho eminentemente humanista, como aquela existente na primeira fase de desenvolvimento do curso no país, conforme visto em Fonseca (apud Mueller, 1985).

4.2.5 Questão 5

Esta questão possui uma forte carga subjetiva, pois está diretamente ligada à fatores pessoais da vida de cada entrevistado. Como visto na análise, alguns escolheram o curso por vocação, outros acreditavam possuir vocação para outra área, mas escolheram o curso por questões financeiras e acabaram descobrindo que também tinham vocação para a profissão. Logo, não é possível discutir esta questão à luz do material bibliográfico.

4.2.6 Questão 6

Nesta questão as respostas serão discutidas à luz da citação de Moraes, Ortega e Fonseca. Moraes (apud MARTINS, 1996) diz que o bibliotecário deveria ser um misto de técnico e intelectual, destacando a importância de uma formação intelectual sólida para o profissional. Destaca-se também o trecho em que diz que o bibliotecário deve ser “um guia intelectual do leitor” (MORAES, apud MARTINS, 1996, p. 341). Ortega y Gasset (apud FONSECA, 2007) diz que o bibliotecário deve agir como um intermediador entre o usuário e o conhecimento produzido, pondo mais ênfase no papel que o bibliotecário exerce do que em sua formação. E segundo Fonseca (2007, p. 107), o bibliotecário ideal é formado pela conciliação entre estes conhecimentos humanistas e o saber técnico.

Chegou-se à conclusão de que todas as respostas fazem uma síntese dessas citações, ou seja, juntam tanto a função social como abordam a importância que o estudo de disciplinas humanistas tem para o exercício desta função. No entanto, algumas frisam mais a formação, enquanto outras se preocupam mais com o papel perante a sociedade.

Percebe-se em todas as respostas, embora cada uma à sua maneira, essa preocupação para com o usuário, essa consciência de que o serviço do bibliotecário tem um fim social, que o trabalho é feito para o outro. Algumas respostas fizeram uma referência maior à necessidade do estudo de algumas disciplinas a fim de melhor realizar este trabalho.

A primeira entrevistada, por exemplo, diz que “essa visão mais humanista leva a todos os aspectos mais democráticos de respeito ao saber do outro, de querer saber cada vez mais, de querer proporcionar ao outro e ser um facilitador.”, voltando-se mais para a função social da profissão, embora também aborde a questão das disciplinas, ao dizer que o estudo da Língua Portuguesa, Psicologia e, principalmente, Filosofia, faz você olhar o mundo de uma outra maneira.

A entrevistada E2 também focou mais no lado social, mas tratou da formação ao fazer a comparação com o modelo americano, no qual é necessário fazer uma graduação em alguma área para depois fazer uma pós em Biblioteconomia. Ela cita seu exemplo, dizendo que por ser formada em música, teria melhores condições de atuar em uma biblioteca especializada no tema. Outra entrevistada que privilegia o papel social da profissão é a E5, que logo no início de sua resposta diz que “trabalhamos para a sociedade”. Logo, diz que este conhecimento é fundamental para melhor prestar este trabalho.

Já as entrevistadas E3 e E4 frisaram mais o estudo dos conhecimentos humanistas em suas respostas, mas sempre os considerando sob a perspectiva do trabalho feito para a sociedade. E3, por exemplo, diz que “a prática da boa Biblioteconomia inexistente sem esses conhecimentos, pois são eles que proporcionam o vocabulário, a base cultural e o horizonte de visão que necessitamos, não importa para qual tipo de bibliotecário ou usuário.” E4 diz que “é importante o conhecimento de História, de relações interpessoais, do significado das culturas, da compreensão do ambiente em que se trabalha.”

A entrevistada E6 também destaca a importância que os conhecimentos humanistas possuem para exercer a profissão com respeito aos cidadãos e aponta que todos os tipos de profissionais devem possuir tais conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi identificar bibliotecários que possuíssem características presentes no conceito clássico de erudição, e assim, discutir a visão contemporânea de bibliotecários sobre erudição.

De fato, conseguiu-se descobrir aspectos da formação e dos saberes possuídos por esses bibliotecários, correlacionando-se essas informações com o material teórico apresentado, que versava sobre a relação entre erudição e Biblioteconomia.

Durante a construção teórica houve dificuldade para encontrar material em português e em outras línguas que tratasse, como tema central, do conceito de erudição; também pareceram escassos trabalhos que tratem como assunto principal a relação entre os conhecimentos eruditos e a prática bibliotecária, pois os trabalhos encontrados que abordavam o tema o faziam em vista de outro assunto central, como o ensino de Biblioteconomia no país.

Metodologicamente, houve certa dificuldade em encontrar bibliotecários que se encaixassem no perfil da pesquisa, pois não havia um ponto certo para iniciar as buscas, sendo necessário recorrer a funcionários de bibliotecas públicas e professores da UNIRIO. Outra dificuldade metodológica foi realizar a coleta de dados, por causa dos diferentes horários disponíveis dos entrevistados, difíceis de serem conciliados.

A seu modo, o tema é complexo e vasto, pois existem diferentes tipos de indivíduos com uma diversidade de formações intelectuais e interesses, decorrentes da história de vida e personalidade de cada um, juntando-se a isso o tamanho do presente estudo. Devido a tais fatores, não puderam ser trabalhadas algumas questões, como uma investigação direta sobre o quadro de disciplinas relativo ao ano de formação em Biblioteconomia de cada entrevistada; e uma investigação mais profunda sobre a formação intelectual dos entrevistados. Acredita-se ter sido lançada uma luz sobre a relação entre bibliotecários atuais e sobre a erudição histórica.

Constatou-se que os bibliotecários contemporâneos que mais se aproximam das características referentes à erudição possuem os seguintes aspectos:

Formação acadêmica em duas ou mais áreas.
Domínio de mais de uma língua.
Consciência do cunho social da profissão.
Consciência da importância dos conhecimentos humanistas para a profissão.

Nota-se que a formação acadêmica em duas ou mais áreas, ou, ao menos, o interesse por mais de uma área de estudo, representa, mesmo que minimamente, a vastidão de interesse dos eruditos clássicos.

Sugere-se, ainda, a inclusão no de disciplinas referentes às seguintes áreas:

Filosofia.
História universal.
Literatura universal.

No plano teórico, o trabalho trouxe como inovação o estabelecimento de uma relação entre o conceito clássico de erudição e Biblioteconomia na sociedade contemporânea.

No plano empírico, o presente estudo trouxe como inovação a apresentação de aspectos que indicam a presença de erudição em bibliotecários contemporâneos, aspectos que se acredita poderem ser estendidos para indivíduos de outras profissões.

A partir do trabalho aqui desenvolvido, as demandas de avaliação crítica são justamente os aspectos que indicam indícios de erudição nos indivíduos de uma sociedade em uma determinada época, pois são sempre passíveis de mudanças, assim como estudar os fatores sociais que influem nestes aspectos.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De Amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente Contemporâneo. **Trajeto**. Revista de História UFC. Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, 2005. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19984>> Acesso em: 20 maio 2017.

ARAKI, M. **Polymathic Leadership: Theoretical Foundation and Construct Development** in Business Management. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2015

BLAIR, Ann. Bibliotecas portáteis: as coletâneas de lugares-comuns na Renascença tardia. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Cap. 4. P. 74-93.

BRIZAY, François. **Érudition et cultures savante: de l'Antiquité à l'époque moderne**. Presses universitaires de Rennes, 2015. Disponível em: <http://www.pur-editions.fr/couvertures/1432198887_doc.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017

BUFREM, Leilah Santiago. Fundamentos sociais e políticos da Biblioteconomia. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, p. 108-122, jan./dec. 1985, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601985000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2016.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa Moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, Apr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 22 nov. 2016.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURKE, Peter. "O polímata: a história cultural e social de um tipo intelectual" In: **LTP**, Campinas, v. 29, n. 56, p. 4-10, Jun. 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/51/50>>. Acessado em: 22 Maio 2017

BURKE, Peter. O paraíso perdido do conhecimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de maio, 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1105200303.htm>>. Acesso em: 22 maio 2017.

CALDEIRA, Ana Paulo Sampaio. Viver em meio a livros: a atuação de Ramiz Galvão na Biblioteca Imperial. In: ENCONTRO REGIONAL DA AMPUH-RIO, 14., 2010, Rio de Janeiro.

CASTRO, César. **História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.

FOSTER, Edward M. **Aspectos do Romance**. 2. Ed. São Paulo: Globo, 1998

MATOS, Felipe. Rubens Borba de Moraes: recordações de um modernista quatrocentão. **Fronteiras: Revista Catarinense de História** [online], Florianópolis, n. 19, p. 151-155, 2011.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: historia do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2.ed. il., rev. e atual. São Paulo: Ática, 1996.

MINDLIN, José. Rubens Borba de Moraes: um intelectual incomum. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79, n. 192, p.108-111, maio/ago. 1998. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1035/1009>>. Acesso em: 23 maio 2017

MUELLER, Suzane Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n.1, p. 3-15, 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222>>. Acesso em: 22 maio 2017.

OLIVEIRA, Marlene; CARVALHO, Gabrielle Francinne; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação e sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 13-24, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3754/3167>>. Acesso em: 24 maio 2017.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

LÓPEZ-POZA, Sagrário. La erudición como nodriza de la invención em Quevedo. **La Perinola. Revista de Investigación Quevediana**, n. 3, 1999, pp. 171-194. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/handle/10171/5502>>. Acesso em: 22 maio 2017.

LÓPEZ-POZA, Sagrário. Presentación: Quevedo y la erudición de su tiempo. **La Perinola. Revista de Investigación Quevediana**, n. 7, 2003, pp. 11-17. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/handle/10171/4495>>. Acesso em: 22 maio 2017.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em Biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010. (Biblioteconomia e gestão de unidades de informação. Série Didáticos, 1).

SENNA, Homero. A literatura brasileira vista por um europeu. In: **República das Letras: 20 entrevistas com escritores**. 3. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 301. Disponível em: <<http://curtadegustacao.blogspot.com.br/2014/03/entrevista-feita-por-homero-senna-com.html>>. Acesso em: 24 maio 2017.

VANNUCCHI, Aldo. **A cultura brasileira**. São Paulo: Loyola, 1999.

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados aplicado

1 - De que modo se processou sua formação intelectual?

2 - Possui formação filosófica universitária?

3 - Em quantos idiomas você se comunica?

4 - Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?

5 - Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?

6 - De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

APÊNDICE B – Primeira Coleta de dados – E1

1 - De que modo se processou sua formação intelectual?

Primeiro fez a graduação em História, depois a graduação em Biblioteconomia.

- Pós-graduação de geração de bases de dados nacionais e internacionais na UFRJ.
- Pós-graduação em Gestão do Conhecimento na Santa Úrsula.
- Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura.
- Doutoranda em História das Ciências na Universidade de Coimbra.

2 - Possui formação filosófica universitária?

Nas faculdades de História e Biblioteconomia estudou disciplinas de Filosofia, e, por interesse próprio, sempre leu muito da área. E hoje, no doutorado, está voltando a olhar para essa área.

Acha a Filosofia fundamental para a formação do bibliotecário, porquê o faz ter uma visão muito diferente, de questionamento, pensar fora do quadrado e refletir.

3 - Em quantos idiomas você se comunica?

Estudou Inglês e Espanhol enquanto trabalhou na Biblioteca do Congresso. Fez o curso completo no IBEU de Inglês. E estudou seis meses de espanhol com professora particular (Argentina) no horário de trabalho, 3 vezes por semana. Foi um curso intensivo. Depois fez dois anos do curso de nível básico e intermediário na Casa de Espanha no Rio.

Em inglês se comunica razoavelmente bem, em espanhol se comunica bem. Fala um pouquinho de Francês, mas por estudo próprio.

4 - Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?

Santa Úrsula por três anos, de 1987 a 1989.

5 - Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?

Depois de formada em História e de um período dando aulas, foi trabalhar como datilógrafa no escritório de aquisição da Biblioteca do Congresso Americano no Consulado do Rio de Janeiro. Foi lá que se interessou muito pela Biblioteconomia, ao ver os bibliotecários trabalhando, fazendo fichas catalográficas etc. Foi um interesse que surgiu a partir da prática.

Também se interessou pelo fato de poder pesquisar e continuar os estudos na área de História. Reconheceu na Biblioteconomia a possibilidade de se aprofundar em pesquisa.

6 - De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

Tem muito a ver com a prática bibliotecária. Se é que a gente entende “conhecimento humanista” toda aquela parte que prepara o ser humano para interação com o outro. Na hora em que se estuda História, Linguística, Psicologia, Filosofia (principalmente), acaba-se olhando para o mundo de uma outra forma.

Tem a opinião de que nem sempre todo profissional de Biblioteconomia consegue alcançar essa visão. Essa visão mais humanista leva a todos os aspectos mais democráticos de respeito ao saber do outro, de querer saber cada vez mais, de querer proporcionar ao outro saber e ser um facilitador.

Os conhecimentos humanistas proporcionam isso ao bibliotecário, fazem com que ele se torne uma pessoa diferente.

APÊNDICE C – Segunda coleta de dados – E2

1 - De que modo se processou sua formação intelectual?

Fez os seguintes cursos.

- Iniciação Musical na UFRJ
- Técnico da Escola de Música;
- Faculdade de Educação Artística na UFRJ – Habilitação em música
- Graduação em piano incompleta
- Música Sacra – técnico.

Toca: piano, flautas de todos os tamanhos, cravo, órgão e violão/celeste.

2 - Possui formação filosófica universitária?

Não

3 – Em quantos idiomas você se comunica?

Fez curso de inglês no CCAA por três anos. Porém, não domina a língua, tendo apenas compreensão da parte escrita.

4 - Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?

UFF, De 2011 a 2014.

5 - Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?

Durante a escola de música, fez muitas pesquisas na biblioteca da escola e na biblioteca da BN, então tinha gosto pelo ambiente, mas não imaginava que um dia trabalharia com isso.

Em uma fase da vida viu que viver de música é complicado, e não queria ser professora pelo resto da vida. Então, estudando para concursos, se interessou bastante pelas matérias de Arquivologia. Ao conversar com uma amiga que é interessada na área de testes vocacionais, esta lhe disse que ela tinha vocação para essa área, pois sempre falou muito sobre bibliotecas. A amiga insistia para ela fazer

outra faculdade e ela começou a pesquisar sobre Biblioteconomia e Arquivologia, optando por fazer Biblio.

Escolheu Biblioteconomia também por conta do grande numero de vagas que costuma abrir em concursos. Acredita que Biblio sempre vai satisfazê-la mais por conta do aspecto cultural.

6 -De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

Olha... não sei... mas eu acho que ajuda pra caramba. Olha, acho que quem estuda Musica, Arte... acho que talvez pela disciplina, porque é a vida toda... E olha, eu gosto de silencio. A gente trabalha com musica, mas você precisa daquele tempo de concentração, de dedicação. Eu então, que era piano, ficava muito sozinha estudando. Aquela coisa técnica de estudar horas e horas por dia, então aprendi a ser concentrada. E Biblioteconomia tem muito dessa coisa de concentração, para você catalogar. Sempre gostei muito de quebra-cabeça, acho que juntou isso, a concentração, o gosto de montar quebra-cabeças, de resolver as coisas.

E querer ajudar... você não faz aquilo como uma pratica fria, a catalogação, não é mecânica. Você está ali tentando ajudar, para que um usuário, algum dia, procurando alguma coisa, possa encontrar. Você tenta ajudar a vida de um usuário que você nem conhece.

E como eu, que gosto de pesquisar, gostaria de encontrar isso? Se imaginar no lugar da pessoa.

Sei que nos Estados Unidos a pessoa precisa primeiro ter formação em uma área para poder ser bibliotecária. Acho que se a pessoa tiver a formação. Se um dia eu for parar na musica, eu sempre identifiquei quais são as necessidades do musico, que as vezes não esta contemplada, porque os bibliotecário não tem formação musical e não sabe diferenciar tanto aqueles estilos quanto o musico.

APÊNDICE D – Terceira coleta de dados – E3

1 - De que forma se processou sua formação intelectual?

Tive acesso a um ambiente familiar bastante rico em livros e outras fontes de consulta, que eram discutidos entre todos e os quais eu era incentivada a utilizar, assim como a frequentar museus e outros espaços culturais. Ouvíamos muita música juntos. Havia atividades com trabalhos manuais. Quanto a cursos formais, possuo graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Fiz mestrado em Biblioteconomia pelo Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO. Tenho algum estudo formal de francês, e menos de inglês e espanhol, tendo aprendido mais por mim mesma. Além dos muitos cursos curtos que todos fazemos.

2 - Possui algum curso formal na área de filosofia?

Apenas as disciplinas desse tema nos cursos de graduação arrolados acima.

3 - Em quantos idiomas você se comunica?

Além do português? Uso o espanhol, o inglês e o francês razoavelmente bem.

4 - Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?

Fiz graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) entre 1987 e 1991.

5 - Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?

Como citei na pergunta 1, cresci em um ambiente em que o uso de livros (e a conversa sobre eles) era diário, natural e estimulado. Além disso, desde criança, frequentei muito a biblioteca pública do bairro em que morava. Lá comecei a observar o comportamento dos usuários na biblioteca e a me interessar pela

dinâmica da transferência da informação, do aspecto comunicacional de nossa profissão, embora, é claro, nem desconfiasse da existência desses elementos. Achava incríveis o catálogo, o número de chamada e os outros instrumentos. As bibliotecárias achavam *fofo* que eu fizesse perguntas sobre *porquê* se tinham paciência para me falar mais sobre a biblioteca. Depois conheci uma bibliotecária que me informou sobre a profissão e a quem admirava. Resolvi experimentar e aqui estou!

6 - De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

A prática da boa Biblioteconomia inexistente sem esses conhecimentos, pois são eles que proporcionam o vocabulário, a base cultural e o horizonte de visão que necessitamos, não importa para qual tipo de biblioteca ou usuário. Ler e pensar sobre tudo cria uma teia de relações em nossas ideias e dá a sustentação para ativar a faceta de análise em nosso trabalho, para entender um quadro mais geral e suas partes, suas relações, para ter dados de forma a identificar e descrever os itens, para seguir pistas e intuir como pesquisar, para conversar com os usuários. Daí ser tão importante o conhecimento de idiomas, que não nos auxiliam apenas nos aspectos instrumentais do trabalho, como compreender um dado para catalogar um item: idiomas são pontes para entender outros pontos de vista e novas informações. Porém, sem a curiosidade eterna de obter e pensar esses conhecimentos, e sem a vontade de utilizá-los para ir além da superfície em nossa atividade, sem o *compromisso* de fazer o melhor trabalho possível, eles não valem de nada.

APÊNDICE E – Quarta coleta de dados – E4

1 - De que forma se processou sua formação intelectual?

Minha formação intelectual começou com meu pai contando histórias na hora de dormir. Meu pai era um homem muito culto, médico pediatra, que falava e lia cinco idiomas (português, francês, inglês, alemão e italiano). Em nossa casa, TODOS LIAM, inclusive os amigos e amigas que nos iam visitar.

Detalhes. A visita de uma amiga a minha segunda irmã se constituía em, cada uma sentada numa poltrona, cada uma com um romance. De vez em quando faziam comentários sobre o seu próprio. Tive um tio mais velho com câncer, acamado durante uns anos, que lia e depois nos contava as histórias que havia lido. Foi meu primeiro contacto com Hemingway e *O Velho e o Mar*. Enfim, fui (e sou) uma privilegiada.

Como dito anteriormente, em nossa casa liam-se jornais, recortavam-se as melhores crônicas e conversávamos sobre leitura, livros, música, política e fatos cotidianos na hora do almoço.

Comecei a ler aos cinco anos e... nunca mais parei. Não fui primeira aluna, nem estudei em escolas especiais até o segundo grau. Tive excelentes professoras de português ao longo de toda vida.

Meu segundo grau, no Colégio Santa Úrsula, me abriu um leque gigantesco de opções. O ensino era excelente, incluía: Filosofia, Psicologia, História da Arte, Ciência Política, Latim, Inglês, Francês, além de Português, Geografia e História. Esses são os professores de que me lembro. Havia obrigatoriedade mensal de leitura e debate sobre um romance de ficção, além das leituras obrigatórias do currículo (em inglês e em francês, além da literatura em língua portuguesa).

No período do Santa Úrsula, fiz amizade com outras moças bem classe média (as ricas nos esnobavam), também leitoras vorazes. Por meio de uma delas conheci meu futuro marido (brilhante) e que pertencia a um grupo ótimo, bem intelectualizado.

Meu interesse por filosofia começou nesta época. Líamos os franceses (filósofos ou não), íamos a vários cinemas de arte: o Paissandu (no Flamengo), a cinemateca do Museu de Arte Moderna e a cinemateca da Maison de France (antiga Embaixada da França no Rio) e, para completar: teatro, teatro e mais teatro.

Outro grande privilégio nesta época: a cultura no Rio: exposições, cinemas, teatros, uma vida esplêndida. Com um detalhe: podíamos andar a pé ou de ônibus (ou lotação) a qualquer hora do dia ou da noite. Copacabana não fechava nunca. Para completar minha formação: Aliança Francesa (o máximo!) e meus inúmeros amigos músicos, também leitores.

Um conjunto de fatores excepcionais: um ambiente familiar intelectual; um Rio de Janeiro que nos proporcionava todas as atividades culturais imagináveis; grupos de amigos também intelectualizados; vício de leitura e prazer em estudar algumas disciplinas.

2 - Possui algum curso formal na área de filosofia?

Quando entrei para o Curso de Biblioteconomia (após uma frustrada experiência em Letras, que simplesmente abandonei e nunca mais voltei), Filosofia ainda fazia parte do currículo mínimo. Quando fiz o Doutorado, tive outra abertura, com professores da Educação da UFSCar, quando conheci outras correntes e outros interesses filosóficos. Após minha aposentadoria, aqui no Rio, voltei a estudar Filosofia na PUC-RJ – um curso fantástico, que fui obrigada a parar por vários motivos familiares. Mas adquiri uma excelente bibliografia.

3 - Em quantos idiomas você se comunica?

Inglês, francês e português. Consigo compreender espanhol e italiano falados.

4 - Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?

Outra longa história: comecei em 1968 na precursora da UNIRIO, ou seja, Cursos da Biblioteca Nacional. Com o casamento, saída do Rio e filhos, só voltei em 1974, para a sucessora dos Cursos da BN, ou seja, a FEFIEG (que depois tornou-se FEFIERJ e UNIRIO). Em 1975, nos mudamos para Brasília e fui transferida para a UnB, onde (finalmente!) concluí o Curso de Biblioteconomia e Documentação no segundo semestre de 1977.

5 - Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?

Resposta: Devo o interesse a uma amiga de meu marido, que me sugeriu o Curso, depois que abandonei Letras. Excelente sugestão, nunca mais saí da área.

6 - De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

Resposta: Todas as profissões, inclusive as denominadas “exatas”, precisam de uma dose enorme de humanidade. Um professor da UnB costumava citar o “complexo de Frankenstein”: o desencanto advindo do uso da ciência sem sabedoria.

Os conhecimentos humanistas relacionam-se com nossa vida diária. Na verdade, não podemos separar aquilo que sabemos daquilo que somos. Não são partes estanques; não trocamos nosso intelecto e nossos sentimentos como se trocássemos de roupa. No caso da Biblioteconomia, se a queremos transformadora, se pretendemos gerar alternativas e oportunidade a outros, precisamos de conhecimentos humanistas e atitudes humanistas. Por exemplo: a meu ver, é importante o conhecimento de História, de relações interpessoais, do significado das culturas, da compreensão do ambiente em que se trabalha.

APÊNDICE F – Quinta coleta de dados – E5

1 - De que modo se processou sua formação intelectual?

Eu sempre gostei de ler. E, sempre li muito sobre vários temas. Este hábito me acompanhou durante minha vida acadêmica no Pedro II, na minha graduação em Biblioteconomia (UFF), depois na minha primeira especialização em documentação científica (IBICT/UFRJ), e depois na segunda em Formação de Docentes de nível superior (UNIRIO), no Mestrado em Ciência da Informação (UFRJ/IBICT) e em algumas disciplinas do Doutorado que cursei na UERJ.

2 - Possui algum curso formal na área de filosofia?

Não, mas sempre estudei Filosofia na vida acadêmica

3 - Em quantos idiomas você se comunica?

Três (Português, Inglês e Espanhol)

4 - Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?

Na UFF na década de 80 (1984-1988)

5 - Como surgiu seu interesse pela Biblioteconomia?

Sempre amei ler e de organização. Foi um caminho natural

6 - De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

Bom, trabalhamos para sociedade! Localizar as informações necessárias a sobrevivência física, intelectual e emocional da humanidade é o cerne da profissão. Conhecer a forma de agir, produzir e realizar uma série de ações da vida são

fundamentais para melhor prestar o trabalho que nos propomos a executar para sociedade.

APÊNDICE G - Sexta coleta de dados – E6

1 – De que forma se processou sua formação intelectual?

Vem de um tempo em que não havia muito mais opção de lazer, entretenimento e informação do que a leitura. Desse modo, seus pais sempre a incentivaram muito a ler. Comprando livros de presente, até mesmo de vendedores que iam de porta em porta; lendo histórias; incentivando ela e seus irmãos a pesquisar para as suas curiosidades. E os levavam a visitar museus e pontos turísticos

2 – Possui algum curso formal na área de filosofia?

Não possui cursos específicos de filosofia, mas no curso de Biblioteconomia estudou História da Filosofia.

3 – Em quantos idiomas você se comunica?

É fluente em inglês, mas consegue se comunicar em espanhol, Frances e italiano.

4 – Quando e onde fez o curso de Biblioteconomia?

UFF, de 1973 a 1976

5 – Como surgiu o interesse pela Biblioteconomia?

O real interesse surgiu durante o curso. Na época do vestibular não sabia muito o que fazer, mas queria um curso que não tivesse exatas na prova. Tinha vocação para Belas Artes, mas devido à questões econômicas acabou optando por Biblioteconomia, pois conhecia uma pessoa que fazia o curso e gostava do que via ela estudando. Após estar no curso foi descobrindo que tinha vocação e prazer na profissão.

6 – De que forma os conhecimentos humanistas se relacionam com a prática bibliotecária?

Na verdade, conhecimentos humanistas são necessários para a boa prática de qualquer profissão. Infelizmente, hoje em dia estão sendo alijados dos cursos, da formação dos profissionais. Vêem-se médicos sem qualquer noção de qualquer aspecto humanista da profissão, que trata o paciente como se fosse um pedaço de carne. No caso da Biblioteconomia acontece a mesma coisa, não pode se tratar a informação, ou um usuário, cliente ou pesquisador como simplesmente uma peça da engrenagem. Todos os aspectos das necessidades e do seu relacionamento com aquela pessoa precisam ser levados em conta pra você poder executar um bom trabalho. É fundamental que a gente não se prenda só aos aspectos técnicos de qualquer profissão.

Apêndice H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa acadêmica. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa de participação após o término da coleta, os dados informados ao pesquisador serão destruídos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: Erudição e Biblioteconomia: a idéia de erudição anterior ao século XIX e os bibliotecários eruditos de hoje

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Equipe: Max Evangelista da Silva– Graduando em Biblioteconomia - UNIRIO

Telefone para contato: (21) 99512-8665

E-mail dos pesquisadores: saldanhaquim@gmail.com; max.ev.silva@gmail.com

Endereço: Av. Pasteur, 296 - Urca - Cep 22290-240 – Rio de Janeiro (RJ)

1. Será realizada uma entrevista como parte de pesquisa.
2. O objetivo da coleta de dados é estritamente acadêmico e para fins científico-didáticos, não havendo nenhuma outra finalidade oculta.
3. A participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento até o prazo de término da coleta de dados, não havendo qualquer ônus por sua desistência.
4. O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em futuras publicações científicas (livros e/ou periódicos científicos).
5. A pesquisa não trará nenhum risco para você e nem oferecerá qualquer vantagem financeira.
6. Os dados pessoais aqui inseridos não são objeto do estudo e serão preservados em sigilo.
7. A pesquisa não faz uso de nenhum princípio ou recurso que atente contra a pessoa humana e o meio ambiente.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, abaixo assinado, portador (a) do RG.: _____ e do CPF: _____, concordo em participar do estudo “**Erudição e Biblioteconomia:** a idéia de erudição anterior ao século XIX e os bibliotecários eruditos de hoje”. Estou devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Assinatura: _____

Endereço:

Contato eletrônico:

Data e local:

Max Evangelista da Silva – Graduando em Biblioteconomia - UNIRIO

Prof. Dr. Gustavo Saldanha
Professor Adjunto – Escola de Biblioteconomia - Unirio